

RESENHA: LATOUR, BRUNO. REASSEMBLING THE SOCIAL: AN INTRODUCTION TO ACTOR-NETWORK THEORY, OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2005.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana¹

Bruno Latour, francês, é antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência. Uma de suas principais obras se perfaz pela análise e crítica do modo como as Ciências Sociais estavam conduzindo seu objeto de estudo: a sociedade. Diante disso, dá-se origem a sua teoria intitulada Actor Network Theory - ANT (Teoria Ator-Rede), que nos leva a novas perspectivas para compreender os sujeitos, seus grupos e redes.

O livro começa desconstruindo a ideia da aplicabilidade do conceito do “social”. A maneira como os cientistas estão acostumados a pensar, e a usar esse conceito, é totalmente redefinida, para que, segundo Latour (2005), possa ser corretamente aplicado e usado. A sociedade é considerada mutável, é sempre sujeita a mudanças, por ser constituída por diferentes indivíduos que mudam a cada momento; portanto, não seria correto que o termo “social” estivesse preso a uma definição fixa. Para o autor, a ideia de como o “social” é trabalhado, principalmente pelos sociólogos, transmite a falsa ideia de que um dado fenômeno poderia ser explicado e quando se pode fazer isso, pois a complexidade de um fenômeno social vai muito além de apenas uma análise feita por pesquisadores; ele é a vivência do fenômeno que realmente o expressa e importa. Ao nos dirigirmos à etimologia da palavra social – ato de extrema importância e destacado pelo autor para que a compreensão do “social” seja eficaz – podemos confirmar e entender o posicionamento do autor, pois socio-logia significa ciência do social e esse é justamente o foco da discussão do livro. A não é sociedade é estável e nem a ciência, portanto, o objeto e a metodologia das ciências sociais precisam adaptar-se a esta realidade.

[...] O que projeto fazer nesse livro é mostrar por que o social não pode ser construído como uma espécie de material ou atribuição e assumir a tarefa de fornecer uma “explicação social” de algum outro estado de coisa (LATOUR, 2012, p. 17-18, tradução nossa).

Durante o decorrer da obra, duas abordagens são propostas por Latour para que se possa reassociar e reagregar o sentido do “social”, que são a tradicional e associativa. Essas duas abordagens se diferenciam no sentido de que a tradicional representa o

¹ Graduada em Geografia – Bacharel pela Universidade Federal Fluminense – UFF, campus de Goytacazes-RJ. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, campus de Goytacazes-RJ. E-mail: ff_viana@id.uff.br.

pensamento que surge a partir do “senso comum” e que o contexto social, o “social” ao qual é discutido no livro, pode ser estudado e compreendido dando origem também ao entendimento dos fenômenos que irão proceder da sociedade. Em face a essa abordagem tradicional teremos, também, segundo o autor, a abordagem associativa, na qual a ordem social e a força social não existem. O que passa a ser válido nesse sentido, é que o “social” passará a ser entendido a partir de uma associação entre agentes distintos.

A intenção do autor é em vista da necessidade da reagregação do conceito “social” na sociologia, propor um “novo caminho” por onde os fenômenos sociais, na sua visão, poderiam ser melhor entendidos e associados com a necessidade de serem entendidos em um novo mundo isto é, um mundo inovador, tecnológico, multifacetado, que faz com que a sociedade esteja cada vez mais conectada entre si, propõe então, a “Teoria do ator-rede” – originalmente nomeada como ANT (Actor-Network Theory). Intencionalmente, os agregados sociais existiriam para expor o que em diversos campos de outras ciências como na economia, linguística, psicologia, medicina, direito não se encontra uma resposta.

A teoria estabelecida por Latour revoluciona totalmente o que os cientistas sociais entendiam por grupos sociais, pois, segundo a “Actor-Network Theory”, a partir do momento em que se leva em conta a dimensão de redes e do “mundo” que a tecnologia proporciona, o sentido de um “grupo” ou de uma “homogeneidade” se rompe, pois as redes dão um sentido de associação, e não mais de uma conexão única. A partir dessa consideração, o autor faz, também, uma crítica às escalas usadas pelos cientistas sociais para denominar o que seria um grupo, o que deveria ser levado em conta, e ao que a ciência social de fato está dando “visibilidade”, pois muitas das vezes somente a escala “macro” é considerada, como se somente as relações de “networking” e de grandes organizações fossem necessárias para a vida coletiva, ou tão somente, muitas vezes, exclusivamente as escalas “micro”, ou locais, são levadas em consideração. O que o autor sugere, portanto, é um espaço onde haja a interlocução dessas duas escalas, o que seria um “lugar invisível”, pois seria um meio de interceptação, para que as associações – que são heterogêneas e por isso precisam de uma intersecção entre essas duas vertentes - que ocorrem a partir da relação ator-rede possam ser “rastreadas”, isto é, visualizadas de forma com que possamos entendê-las, pois as associações se fazem múltiplas a todo o momento.

O autor justifica, também, o porquê da escolha de um vocabulário específico, simples, que dificilmente será “dimensionado” pelos cientistas sociais, que optam, inclusive, em sua maioria, pelo uso de termos mais específicos e menos flexíveis. Segundo Latour, faz parte da sua intenção que os termos usados não se encaixem em formas rígidas, exatamente por ele considerar que a teoria do Ator-Rede é maleável, mútua, dissolúvel e

não pode ser contida, como anteriormente era feito pelas expressões denominadas “sociais”.

Se alguém me apontar as palavras ‘grupo’, ‘agrupamento’, e ‘ator’ como sem significado, eu responderia ‘com toda razão’. A palavra ‘grupo’ é tão vazia que não há como dimensionar seu tamanho ou seu conteúdo. Isso poderia ser aplicado para um planeta como a um indivíduo; para a Microsoft como para minha família; para plantas como para babuínos. E é exatamente por isso que eu fiz essa escolha (LATOURE, p.29, 2012, tradução nossa).

Por não se mostrar nos padrões anteriormente estipulados pela sociologia, a teoria Ator-Rede mostra-se bastante abstrata para que seu objetivo possa ser alcançado, o que não é necessariamente um problema, pois segundo o autor, a sociologia não precisa ater-se somente ao óbvio, pois, só assim, pode-se chegar a outros caminhos que antes não tinham sido alcançados, só assim poderemos “reagregar o social”. Aqui, sociedade não é um contexto no qual tudo se enquadra, mas é “um tipo de conexão entre coisas que não são em si mesmas sociais” (p. 23).

É necessário, também, que se exclua qualquer tipo de pretensão em querer definir ou limitar o comportamento ou a descrição da ação dos atores para com suas redes pois, segundo Latour, só é possível saber o valor da experiência a partir do momento em que a vivemos, de tal forma que não se terá um olhar de enquadramento dentro daquilo que já conhecemos, mas uma verdadeira visão não dimensionada das reais associações. Não cabe ao pesquisador, cientista social, compreender o social sob as categorias e definições já estabelecidas previamente.

É como se disséssemos aos atores: ‘não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham os seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram (LATOURE, 2012, p. 44, tradução nossa).

Mas quem seriam os atores aos quais o autor se refere em toda sua obra? De acordo com Latour, o conceito de ator, na teoria Ator-Rede, institui-se de forma abstrata, sendo os atores todos aqueles e tudo aquilo que possa se associar a algo ou a alguém, formando ou tornando-se parte de uma rede. Nesse sentido, não necessariamente os atores em questão devem se ater a humanos mas, também, por exemplo, a objetos que podem ser mediadores de uma associação com uma ou mais de uma rede.

É necessário atentar, também, para as cinco “fontes de incertezas” apresentadas pelo autor que mostram algumas dificuldades as quais a metodologia da teoria ator-rede

apresenta, sendo elas: 1- “A natureza dos grupos”, esta se refere a existência de múltiplos meios contraditórios para se dar uma identidade aos atores; 2- “A natureza das ações”, que apresenta a variedade dos cursos das ações dos atores, trazendo a possibilidade de alteração de seus objetivos iniciais; 3- “A natureza dos objetos”, expondo que a interação dos agentes é uma dinâmica que permanece em constante abertura e mudança, 3- “A natureza dos fatos” que elucida as contínuas disputas em que as ciências naturais inserem a sociedade, e finalmente, sobre os tipos de estudos feitos sob o rótulo das ciências sociais, do social que nunca fica claro em uma precisão no sentido das ciências sociais que pode ser tida como empírica. Dessa forma, as controvérsias não são um problema a ser refutado, mas são, sim, o próprio meio pelo qual as ciências sociais se solidificam.

O que faz da Teoria Ator-Rede tão duvidosa é que antes de ir a qualquer lugar, essas cinco incertezas tem que ser acumuladas uma por uma, de forma que cada nova incerteza vai tomar uma forma mais enigmática até que algum senso-comum seja reconquistado- mas somente no final (LATOUR, p. 22, 2012, tradução nossa).

Essas “fontes de incerteza” citadas pelo autor são exatamente a desconstrução do que muitos cientistas sociais se propõem a fazer, como o enquadramento dos atores das redes em grupos sociais, o que por diversas vezes delimita a extensão da pesquisa, prejudicando e distorcendo o resultado final. Muita das vezes, os atores podem se conectar a diversas redes, em “grupos” aparentemente considerados contraditórios para as ciências sociais, o que faria com que não se encaixassem em nenhum grupo específico anteriormente especificado.

O primeiro procedimento para que a teoria Ator-Rede seja executada, portanto, seria a análise dos “rastros” dos atores deixados por suas associações. Como as redes, como já foi dito, não é algo estável, mas sim algo inconstante e extremamente dependente de diferentes associações, é trabalho do cientista social se atentar a essas associações e às conexões existentes entre as redes, e não apenas delimita-las a um grupo social específico. O que está em questão é reconhecer que a construção social e a realidade autônoma são a mesma coisa.

Latour nos incentiva a notar que, em sua formação, os grupos deixam “rastros” que podemos perceber e analisar. Preliminarmente, podemos constatar que na delimitação de um grupo existem aqueles que falam sobre ele, o que deveria ser ou o que forma precisa assumir; aí está a justificativa para que o grupo exista, isto é, há uma associação. Em seguida, deve-se conferir que juntamente com a constatação de um grupo sempre são

expostos antigrupos, ou seja, a negação e/ou contradição do que o grupo propriamente é em sua essência.

Quem delimita o grupo, quem diz até onde um grupo “pode ir”, são os próprios atores e não os cientistas sociais, já que são os atores que fazem parte de seus grupos, ou seja, da realidade. Tentar delimitá-los estando “de fora” dessa realidade de cada grupo seria uma distorção da pesquisa social. Posteriormente, as fronteiras são definidas e preservadas, e essa é uma maneira de tornar convicta a definição do grupo. No final, são os cientistas (de diversas áreas das diversas ciências) que permitem a definição durável de um grupo, com suas pesquisas, fazendo com que o conceito de dado grupo seja perpetuado.

Além disso, o autor também afirma que as ações do autor não provêm dele, mas ele as denomina como um “alvo” que poderia se constituir como possibilidades que progridem em sua direção sendo assim, sempre existiria a incerteza da origem da ação numa rede pois, segundo Latour, não se pode delimitar de onde a ação partiu (quem a originou, qual ator), já que a ação seria algo que ocorre em conjunto com a existência do autores na rede, o que também é de extrema importância para a reagregação do social.

Diante as considerações feitas ao longo do livro, pode-se concluir que o autor realmente nos leva a encarar diversas incertezas a cerca da Teoria Ator-Rede e faz questão de expor que são justamente essas incertezas e questionamentos sobre os enigmas constituintes em cada grupo social e nas ações de seus atores que irão consolidar as dimensões de sua teoria, abrindo novas conexões e possibilidades para considerarmos, isto é, “reagregarmos o social” para que seja possível entender e compreender a realidade da sociedade de maneira mais real e subjetiva, abrangendo a sua totalidade.

Recebido em: 28/11/2016

Aceito em: 17/05/2017